

O LUGAR DA MEMÓRIA NA FOLIA DE REIS ENQUANTO PRÁTICA EDUCATIVA

Alba Valéria Freitas Dutra¹
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
albadutra@yahoo.com.br

Cecilia Conceição Moreira Soares²
Universidade estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
ceciliasoares@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo trata-se de um relato da proposta de pesquisa apresentada para a seleção de mestrado em educação/2019, no Programa de pós-graduação em educação da UESB. O objetivo desse estudo é analisar o lugar da memória na Folia de Reis do Grupo Folclórico Coquis e perceber como essa memória sustenta uma prática educativa no contexto da Folia de Reis. Nesse estudo faremos uma análise preliminar de algumas referências bibliográficas sobre o conceito de memória a ser pensado para a Folia de Reis. A pesquisa será desenvolvida na cidade de Rubim Minas Gerais nos anos 2019 e 2020 tendo como pesquisados os sujeitos envolvidos nesta prática social, a saber: os foliões e foliãs da festa, os mais jovens que reproduzem a prática cultural e a matriarca da folia. O grupo Coquis se reconhece como um grupo folclórico que mantém a tradição da Folia de Reis na região. É uma comunidade eminentemente negra que guarda marcas culturais de sua origem rural embora residam hoje na cidade.

Palavras chave: Cultura. Memória. Práticas Educativas.

Introdução

Nossa motivação para estudar essa temática nasce da problematização da crença de que a educação só pode acontecer entre os muros de uma escola. Por essa razão, pretendemos analisar a contribuição da Folia de Reis para territórios educativos por meio da integração dos espaços culturais diversos com os espaços escolares e equipamentos públicos valorizando o diálogo entre saberes comunitários e escolares.

Em razão da minha prática como educadora e agente cultural, no desenvolvimento de ações voltadas para a educação patrimonial, formação artístico-cultural e intercâmbio no ponto de cultura Folias da Cultura, quis dedicar um olhar mais cuidadoso e analítico para o fenômeno de manutenção/transmissão dessa tradição que sobrevive ao tempo e que se

¹ Mestranda em Educação pela *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB* – Vitória da Conquista/BA, Brasil

² Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil(2009). Titular da Universidade do Estado da Bahia , Brasil

mantêm resguardando tanto os elementos sagrados quanto os profanos dos festejos e brincadeiras, constituindo-se como uma prática social coletiva e centenária.

O mestrado surge como uma oportunidade de realizar uma investigação que, ao mesmo tempo, poderá trazer contribuições tanto para as ações de educação patrimonial em espaços de memória formais e não formais, quanto para as unidades escolares no desenvolvimento de seus currículos.

Como nasceu o interesse pela pesquisa

Em 2014, por meio de um projeto apoiado pelo Fundo Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais – FEC, realizamos o documentário intitulado *Os meninos e o boi*, (Zenólia Filmes, 2014) em que se registrou a manifestação cultural da Folia de Reis e os personagens que compõem a brincadeira do Boi de Janeiro na cidade de Rubim-MG. Fruto das ações do Ponto de Cultura – grupos, coletivos e entidades de natureza ou finalidade cultural que desenvolvem e articulam atividades culturais em suas comunidades e em redes, reconhecidos e certificados pelo Ministério da Cultura por meio dos instrumentos da Política Nacional de Cultura Viva (MINC, 2013) – e Ponto de Memória Folias da Cultura da cidade de Rubim/Minas Gerais, o projeto teve como foco o processo de recriação pelos mais jovens desta manifestação cultural do Boi de Janeiro e da Folia de Reis realizada há mais de 70 anos na comunidade de Rubim. O documentário mostrou o interior das folias e o processo de organização dos mais jovens em torno da construção do boi e demais personagens e instrumentos que compõem a “brincadeira” até a realização da festa, recriando a tradição. Todo início de janeiro - na noite de 31 de dezembro para primeiro até o dia 7 de janeiro - os membros desta folia movimentam a pequena cidade de menos de 10 mil habitantes fazendo via sacra pelas ruas, casas e presépios, com as rezas, cantorias, contradança e a tradicional e animada brincadeira em torno do boi de janeiro e de seus personagens: Maria Manteiga, a lobinha de ouro e o véio, com o objetivo de festejar os Santos Reis.

Inscrovo-me nessa história em diferentes perspectivas e temporalidades. Ainda menina, no colo de meu pai, assistia todos os anos em nossa casa os foliões com a bandeira de São Sebastião celebrar as festas de Reis em torno do presépio. Ao longo da vida acompanhei diversas manifestações culturais Brasil afora, como apreciadora. Depois como coordenadora de um Ponto de Cultura - o Folias da Cultura - através da Organização Não Governamental (ONG)Vokuim em Rubim/MG que desenvolve ações de educação patrimonial e, de diferentes

formas, incentiva a Folia de Reis na cidade de Rubim e em uma de suas ações, produziu o documentário “Os meninos e o boi”.

A Folia de Reis como manifestação Cultural

De acordo com Oliveira (2014) a Folia de Reis também conhecida como reisado, é um folguedo popular do Brasil, festejado em comemoração ao Dia de Reis todo dia seis do mês de janeiro. Os foliões usam vestimentas e paramentas coloridas para apresentarem a história dos três Reis Magos. Segundo a tradição, cuja ocorrência é comum em todos os países católicos europeus e latino-americanos, é um dia de dar e receber presentes. Ainda segundo Oliveira (2014),

Ao imitar a jornada dos Reis, a Folia de Reis também deve sair em viagem, visitando as casas dos devotos, cantando lembrança do nascimento de Jesus. Com o passar do tempo foram sendo agregados outros valores e práticas às folias. Desta forma, elementos da religiosidade cultural tomaram lugar de destaque no ritual de folias, tendo sido incorporadas as práticas de visitas a locais sagrados a serem percorridos durante o trajeto da folia e o cumprimento, no período da realização da folia, de promessas, ou seja, o pagamento ou agradecimento a dádivas recebidas aos pedidos realizados tanto pelos participantes da folia, como dos moradores de casas visitadas por uma folia. (OLIVEIRA, 2014, p:115).

A Folia de Reis no Vale do Jequitinhonha tem a tradição do presépio, em torno do qual se reza o terço e se canta para o menino Jesus e em homenagem aos Santos Reis. A Folia de Reis dos Coquis incorporou o boi de janeiro por volta dos anos 60, um personagem como o que estava na manjedoura no dia em que Jesus nasceu. Encontrado também em diversas localidades do Brasil e do mundo, veio cheio de simbologias para brincar e interagir com os foliões. Na Folia dos Coquis, é o boi o personagem mais admirado e temido pelas crianças e espectadores em geral, já que ele brinca pelas ruas “enrabando” as pessoas que o acompanham.

O envolvimento dos mais jovens nas festas populares é prática comum nas diferentes regiões em que ela se manifesta o que, em certa medida, parece garantir elementos de continuidade de uma tradição cultural continuamente ressignificada.

A Folia de Reis como prática educativa

O que me parece particularmente rico no caso específico dos “Boizinhos de Janeiro de Rubim”, é a iniciativa desses jovens de reunir seus pares em torno da criação do seu grupo de Boi de Janeiro. De acordo com Dutra e Martins (2017), o envolvimento nas etapas de

organização do grupo, na fabricação do boi e outros personagens e a realização da festa, revela-se um processo rico de articulações, agenciamentos e criatividade e apontam a existência de diferentes habilidades mobilizadas em torno das comemorações do Boi de Janeiro, num protagonismo comunitário cujos atores principais são crianças e jovens. A este fenômeno Carlos Brandão (1989) chama de *processos sociais de aprendizagem*, característicos das festas populares. Como nos ensina o professor e pesquisador Jadir M. Pessoa (2007),

uma criança ou adolescente aprendendo a tocar um instrumento ou ensaiando um passo numa dança, para também fazer parte da festa da sua família, vizinhança ou comunidade, é uma pessoa que está aprendendo, assimilando uma compreensão de mundo e buscando uma forma de nele se inserir (PESSOA, 2007, p:5).

A iniciativa destas crianças e jovens revela um processo de educação não formal descrito poeticamente pelo lavrador e folião Ciço numa entrevista dada ao professor e pesquisador Brandão (1984):

...Inda agora o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: “Ciço, como é que um menino aprende o cantório? As respostas?” (das modas das Falias de Santos Reis). Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro; acompanha o pai, um tio. Olha... aprende. Tem inclinação prum cantório? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa (tambor da Folia de Reis), tá aprendendo a caixa; faz um “tipe” (tipo de voz do cantório da Folia de Reis), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido. (BRANDÃO, 1982, p:7)

O potencial criativo e educativo contido nessa prática social da memória cultural da comunidade é que merece um olhar mais aprofundado, já que nesta iniciativa está contido o gesto de preservação da memória e da tradição.

Considerando a importância da Folia de Reis como Patrimônio Cultural da Humanidade e a sua influência cultural na vida comunitária das pequenas cidades do interior de Minas Gerais, mais precisamente do Vale do Jequitinhonha e levando-se em conta ainda a escassez de estudos e/ou de documentação sobre as manifestações culturais no baixo vale do Jequitinhonha, em especial a Folia de Reis, é que me proponho, neste trabalho, analisar o lugar da memória na Folia de Reis enquanto prática educativa.

Do ponto de vista das práticas educativas, as manifestações culturais, são reconhecidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Artigo 1º que diz:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos

movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Brasil, 1996).

Jadir Pessoa, em *Mestres de Caixa e Viola* (2007:63-83), nos diz que o grupo ao exercer a prática social e cultural da folia fornece educação popular. Tais práticas se circunscrevem e se aproximam do conceito de Patrimônio Histórico Imaterial:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (BRASIL, IPHAN, 2014).

E por que trazer essa temática para o âmbito da educação? Porque é fundamental e atual validar processos educativos para além da escola, quebrando o paradigma de que educação é função exclusiva da escola, e imbuir “toda a aldeia” de responsabilidades educativas e formativas, e para além da responsabilização o reconhecimento de outras práticas e das diferenças que elas ensejam, mas que nem por isso se opõem se não que se complementam. Para Sacristán (2013),

Se por um lado o currículo é uma ponte entre a cultura e a sociedade exteriores às instituições de educação, por outro ele também é uma ponte entre a cultura dos sujeitos, entre a sociedade de hoje e a do amanhã, entre as possibilidades de conhecer, saber se comunicar e se expressar em contraposição ao isolamento da ignorância (SACRISTÁN, 2013, p. 10).

Na mesma direção Brandão (1983) afirma que,

Esparramadas pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza - situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo - têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica (Brandão, 1983, p: 8).

A importância dessa pesquisa se deve ao fato de considerar suas singularidades simbólicas regionais e, desta maneira, contribuir para o reconhecimento do valor educativo contido nas práticas sociais no campo da educação não formal.

A manutenção da prática cultural e sua transmissão entre gerações

A pesquisa empírica realizada para a publicação do documentário: *Os meninos e o boi* nos permitiu a aproximação das questões relacionadas à memória que permeiam grupos de Folias de Reis, particularmente no que diz respeito à questão da manutenção da prática cultural e da sua transmissão entre gerações. Considerando que é na oralidade que o conhecimento cultural é transmitido e que tal prática está permeada de subjetividades,

encontramos referências teóricas para produção desse projeto de pesquisa nos estudos de Hawbachs, Bergson, Geertz e Bosi, autores tratam dos campos da memória e da cultura.

Geertz (1978) afirma que a cultura é o conjunto de *teias de significados* que o ser humano constrói e reconstrói na sua experiência social. Esse autor parte da premissa de que a cultura decorre de processos sociais entre grupos e não no interior de um grupo. E que a cultura está sempre em mutação porque está se relacionando com o diferente, com as diversidades. São esses conceitos que sustentam a articulação entre cultura local e universal e práticas escolares e não-escolares.

A utilização da memória como objeto dessa pesquisa, se estabelece como uma abordagem que respeita o contexto das pessoas e leva em consideração as experiências de vida para refletir sobre sua prática social. Ecléa Bosi (1994) diz que uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. Soares, (2017) afirma que o uso da memória em todas as instâncias requer revisões dos conceitos de memória, incluindo seus elementos constitutivos. Tomaremos as referências de Bérqson e Halbawachs que centraram suas pesquisas e reflexões no campo da memória. Enquanto Bérqson tenta provar a liberdade e a espontaneidade da memória em oposição aos esquemas mecanicistas que alojavam em algum canto escuro do cérebro (BOSI, 1994, p:51). Halbwachs (1990) pensa a memória em sua dimensão social, sustentada na afirmação de que ela não pode ser considerada individualmente, senão que necessita ter eco no grupo social.

Para Bergson (1999) as lembranças não são coisas, elas pertencem ao espírito. Ao pensar o tempo ele diz que o passado é o que é e o presente é o que foi. Porque pra ele ao mesmo tempo em que existe uma percepção do presente, existe um registro disso que foi percebido e que ele surge depois do presente. Para Bérqson o passado é contemporâneo do presente assim como a sombra ao lado do corpo, ao mesmo tempo em que existe o corpo existe a sombra, estão lado a lado, mas têm naturezas diferentes. Para ele a natureza do passado é conservar e a do presente é passar. E já que a substância da nossa existência é o tempo, a memória adquire uma importância crucial. Para ele a memória está a cargo existência, ela é uma espécie de guardiã do presente.

A todo o momento temos percepções, elas não se perdem, elas se conservam na memória, a isto ele chama de lembrança pura, uma realidade virtual, ou o inconsciente (BERGSON, 1999). Halbhwachs (1990) vai relativizar essa pureza da memória pela teoria psicossocial

afirmando a preexistência do social sobre o indivíduo. Ao diferenciar história de memória, Halbwachs (1990) diz que não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória (HALBAWACHS, 1990, p: 41). Para o autor, as memórias são lembranças e pensamentos comuns aos indivíduos do seu grupo social. Segundo ele,

[...] Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.[...]. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.[...] (HALBWACHS, 1990, p.22).

A memória coletiva é o eco das narrativas dos membros de um grupo, considerando suas experiências e seu contexto social na sociedade atual. Segundo Bergson (1999), nós somos seres muito mais de memória do que de presente, nós temos mais passado do que presente. Aquilo que nos constitui está a cargo da memória, porque é ela que nos articula com o presente.

[...] No que concerne à memória, ela tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil.[...] (BERGSON, 1999, p:266).

Em Bosi (1994) citando Bergson, vemos que a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, a confluência da memória e percepção. Ao citar Cohen, Cruikshank (2017) alerta para o cuidado de não reificar a tradição oral, para quem o conhecimento do passado está relacionado com a inteligência crítica e a utilização ativa desses conhecimentos. Essas visões nos revelam uma perspectiva dinâmica e inovadora de olhar para as “tradições”. Ainda em Bosi (1994) vemos cair a separação entre passado e presente,

[...] Qual a função da memória? Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação: o apelo dos vivos, a vinda à luz do dia, por um momento, de um defunto. É também a viagem que o oráculo pode fazer, descendo, ser vivo, ao país dos mortos para aprender a ver o que quer saber. [...] (BOSI, 1994, p.89).

Nessa direção, temos um pensamento convergente com Julie Cruikshank (2017), quando afirma que os estudos recentes sobre a tradição oral estão mais propensos a focalizá-la não só na formação das narrativas como também no posicionamento dessas formas narrativas nas hierarquias de outras narrativas, e que os relatos orais sobre o passado englobam a experiência subjetiva. Aspectos importantes para o nosso estudo vez que nos interessa conhecer os meios que estas narrativas empregam para influenciar e firmar a memória.

Partindo da premissa sustentada por Hawbachs (1990) de que toda memória é coletiva, e que ela constitui a base da identidade de um grupo queremos então observar nesse estudo o lugar da memória nas práticas culturais populares, como os indivíduos baseiam suas impressões nas lembranças dos demais membros do grupo para fortalecer ou esquecer essa prática cultural, considerando o esquecimento na perspectiva de Zumthor como a contraparte da lembrança e ainda, de como eles próprios percebem esse fenômeno em si e como prática educativa. Tomando aqui o conceito defendido por Giroux e Simon de que qualquer prática que intencionalmente busque influir na produção de significados é uma prática educativa (GIROUX & SIMON, 200, p:115). Pretendemos analisar como a memória coletiva presente em todo o ritual tanto do adulto como na representação encenada pelos mais jovens permeia os costumes e práticas do grupo, manifestas na oralidade e no corpo através dos gestos, vestimentas e hábitos.

Importante salientar que “Os Coquis” guardam marcas de exclusão em razão de sua descendência afro e seu pertencimento às camadas populares e, em certa medida, por manter sua prática autogestionada e sem apoio do estado, como eles dizem. Soares & Cruzoé (2017) citam que,

A submissão da memória como método qualitativo de análise, incluindo história de vida e a história oral, constitui um importante instrumento na tentativa de “incorporar a versão dos desprivilegiados sobre os acontecimentos” (SOARES E CRUZOÉ, 2017, p: 41).

Nesse sentido, a pesquisa tem o importante papel de documentar e registrar essa prática social que se situa à margem da história oficial da comunidade.

Embasamento Metodológico

A pesquisa aqui proposta tem como objetivo registrar a prática cultural, a voz dos sujeitos e a partir destes observar como esses sujeitos promovem os processos de transmissão e engendram processos de reapropriação desta tradição. A pesquisa alcançará a memória individual e coletiva e trabalhará na fronteira onde se cruzam os modos de ser do indivíduo e de sua cultura num dado contexto social na perspectiva de Bosi (1994).

O estudo tomará como base as lembranças dos mais velhos, inspirada nas contribuições de Ecléa Bosi (1994), na tentativa de entendimento das narrativas a partir de indagações sobre o surgimento da manifestação, de como os sujeitos se relacionam com ela, quais os esforços fazem para manter viva a tradição intergeracional e como se vêem a partir da sua identidade cultural. Até que ponto os mais velhos percebem a apropriação da prática

pelos mais jovens e se reconhecem nesse lugar de representação, e ainda qual a representação que esta ação dos mais jovens tem para a memória coletiva? Objetiva-se por fim perceber quais relações de aproximação dos elementos de transmissão com a figura da matriarca, do feminino, como guardiã dessa memória, fato percebido em outras Folias e em cidades distintas.

Nesta pesquisa buscaremos nos valer dos elementos da análise de conteúdo para identificar as categorias teóricas que surgirão das narrativas. A fim de conhecer como os membros dos grupos vinculam suas vidas às manifestações culturais, por que escolhem participar, o que os motiva e quem os incentiva a participar, e como aprendem as práticas envolvidas na folia. Dando ênfase aos processos e buscando perceber as subjetividades dos sujeitos e das relações entre eles e a prática.

Utilizaremos procedimentos metodológicos que incluem a **revisão de literatura** no macro campo da memória nos valendo de fontes diversas como artigos, revistas, dissertações, teses, livros, meio eletrônico entre outros, relacionados à temática. Utilizaremos a **observação** do fenômeno social a fim de perceber como os sujeitos se relacionam entre si e com a manifestação por ocasião da festa de 31 de dezembro a 7 de janeiro. Minayo (2009, p.61) explica que o trabalho de campo “permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta” **A análise documental** se valerá das publicações disponíveis sobre o grupo: o documentário *Os meninos e o boi*, o livro *Folias da Cultura: memória de percurso*, o portfólio do grupo, e o livro *O cancionista*, além do acervo de fotografias, vestimentas, objetos e demais fontes que guardem relação com o passado desse do grupo e de sua prática. **Entrevistas semi-estruturadas** com o intuito de verificar por meio de análise das narrativas e da observação dos entrevistados, informações pertinentes que podem revelar discursos que evidenciem a realidade do objeto em estudo. **Aplicação de questionários fechados** no intuito de identificar o posicionamento dos pesquisados quanto aos questionamentos pretendidos. O questionário fechado é um “instrumento em que as perguntas ou afirmações apresentam categorias ou alternativas de respostas fixas e preestabelecidas.” (RICHARDSON, 1999, p.191).

Nessa medida, o estudo desse fenômeno cuja marca é a oralidade encontra na pesquisa qualitativa, meios para analisar dados nem sempre mensurados numericamente e envoltos em aspectos subjetivos, mas não menos precisos e ainda “se produzir novas tipologias documentais” (SOARES E CRUZOÉ, 2017, p: 40).

Segundo Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa apresenta cinco características básicas:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. 2. A investigação qualitativa é predominantemente descritiva. 3. Os pesquisadores se interessam mais pelo processo do que com os resultados ou produto. 4. A análise de dados tende a seguir um processo indutivo. 5. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, é vital na abordagem qualitativa (BOGDAN & BIKLEN, 1982 p:47-50).

O termo memória nessa pesquisa deve dialogar com o conceito de patrimônio material e imaterial em razão de tratarmos com um grupo cultural cuja prática é reconhecida como patrimônio imaterial e em razão de que suas fontes documentais possam servir de “lastro aos processos de lembrança e memória do grupo”. (SOARES E CRUZOÉ 2017, p 41).

Após a utilização das técnicas de coletas de dados descrita acima, será realizada a triangulação dos dados e métodos utilizados na pesquisa em busca de elementos que revelem empiricamente os conteúdos discursivos acerca das questões ligadas ao tema da pesquisa: *Folia de reis: da prática cultural à prática pedagógica – o lugar da memória*. Segundo Marcondes e Brisola a triangulação de dados auxilia a pesquisa qualitativa:

[...] em uma primeira dimensão a Triangulação, é utilizada para avaliação aplicada a programas e projetos (...). No processo avaliativo, sua conceituação torna-se abrangente e complexa, abarcando diferentes variáveis, dentre elas, a necessidade de se ter presente avaliadores externos, além dos internos, e que, preferencialmente, sejam de formações distintas, possibilitando “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista” [...] (MARCONDES; BRISOLA; 2010, p. 29).

Espera-se que o caminho metodológico escolhido possa contribuir para elucidar o lugar da memória nos processos de transmissão e recriação da Folia de Reis como patrimônio imaterial da comunidade rubinense.

Considerações finais

Por se tratar de uma proposta de pesquisa, o presente artigo não pode oferecer resultados, antes ele se abre à possibilidade de contribuições teóricas e metodológicas que possam aprofundar e precisar seu campo de investigação e nessa medida contribuir para os estudos de educação patrimonial, memória, práticas educativas e áreas afins.

E dar a conhecer e reconhecer a identidade cultural desse grupo desde outra perspectiva, valorizando sua história e sua prática que compõe a imensa diversidade cultural brasileira.

REFERÊNCIAS:

ARANTES, V. A.(org.), GHANEM, E. e TRILLA, J., **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. glossário do Ministério da Cultura. Governo Federal. Brasília, <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/apresentacao>. Disponível online em 2013, consultado a 19 setembro 2018.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Ministério da Cultura. Governo Federal, <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> . Disponível online em 2014, consultado a 19 setembro 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. **A questão política da educação popular**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-10.

_____, Carlos R.. **O que é educação**. Ed. Brasiliense (1989)

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394. Acesso em: 19/09/2018.

CRUZÓE Nilma Margarida de Castro & SOARES, Cecília C. Moreira. **O uso da memória como metodologia de pesquisa em educação**. CRUZÓE Nilma Margarida de Castro & AMADO, João. Org. Referenciais teóricos e metodológicos de investigação em educação e ciências sociais – Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

DOCUMENTÁRIO: Os meninos e o boi. Zenólia Filmes, 2014.

DUTRA, Soraia Freitas; MARTINS, Lorena Dias. **Os saberes da folia: aprendizagens em contextos não escolares**. In: Anais do IX Mestres e Conselheiros - Agentes Multiplicadores

do Patrimônio. Anais...Belo Horizonte(MG) CAD II - UFMG, 2017. Disponível em:
<<https://www.even3.com.br/anais/mestreseconselheiros2017/51477-OS-SABERES-DA-FOLIA-APRENDIZAGENS-EM-CONTEXTOS-NAO-ESCOLARES>>. Acesso em:
15/10/2018

DUTRA, Alba Valéria Freitas.; FARIA, Jurema Ribeiro. **Qualidade e permanência** : um olhar sobre o Programa Mais Cultura nas Escolas. 2017. 39 f., enc. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-B3WKVS>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

_____, Clifford. **A Interpretação Das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da. (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 200.

OLIVEIRA, Maria Amália. **Folia de Reis em São João Marcos (RJ): Aspectos de uma identidade cultural em um processo de patrimonialização**, *e-cadernos ces* [Online], 21 | 2014, URL : <http://journals.openedition.org/eces/1791> ; DOI : 10.4000/eces.1791 Disponível online no dia 01 junho 2014, consultado a 19 setembro 2018.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Aprender e Ensinar nas Festas Populares – Salto para o futuro**. Disponível em <file:///C:/Users/PC%20User/Desktop/mestrado/sele%C3%A7%C3%A3o/Artigo%20-%20Jadir%20de%20Moraes%20Pessoa%20-%202007.pdf>

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel (2011), “**Folia de Reis. Comunidades responsáveis por uma nova organização social**”, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*.

SOUZA, Antônio Cícero de. Prefácio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **A questão política da educação popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.7-10.

SACRISTÁN; J. Gimeno. **O Currículo: Uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 352.